Release

Linha fina

A tradução de Bruno Gambarotto é fiel ao texto de Daniel Defoe, respeitando a pontuação do autor e utilizando-se do vocabulário náutico da literatura de viagens dos séculos XVI e XVII. Essas opções dão à edição da Hedra um sabor arcaizante, em língua portuguesa, que preserva a linguagem do texto original.

# Título

Robinson Crusoé

# Autor

Daniel Defoe

# Nacionalidade

Inglesa

# Coedição

# Título original

Robinson Crusoe

# Copyright

Domínio Público

# Categoria

Literatura infantojuvenil

# Escola

literatura de viagem, romance inglês, romance do século XVIII

# Palavras-chave

Literatura de viagem, clássicos da literatura universal, romance de formação

Categorias BISAC

FIC014000 - Ficção / Aventura

FIC019000 - Ficção / Literária

FIC033000 - Ficção / Clássicos

Categorias THEMA

FBA - Ficção de aventura

FC - Ficção clássica

DSK - Ficção sobre náufragos

Coleção

Hedra Edições

# Edição

Jorge Sallum e Suzana Salama

# Tradução

Bruno Gambarotto é doutor em Teoria Literária pela USP e especialista em literatura norte-americana do século XIX, com ênfase nas obras de Walt Whitman e Herman Melville. Dentre seus trabalhos, destaca-se a organização e tradução de *Folhas de relva –– edição do leito de morte*}, de Walt Whitman, (Hedra, 2011), *Frankenstein* (Hedra, 2013), de Mary Shelley, e de *Taipi*, de Herman Melville (Hedra, 2024).

# Prefácio

Dirceu Villa é poeta, tradutor e professor universitário. Doutorou-se em Literaturas de Língua Inglesa pela Universidade de São Paulo (USP) e traduziu obras de H.P. Lovecraft, James Joyce, Joseph Conrad, Homero e Ezra Pound. Recebeu o prêmio de Ação Cultural da Secretaria de Cultura de SP, pelo livro Icterofagia (Hedra, 2014). Publicou ainda Transformador (Demônio Negro, 2015) e Ciência nova (Laranja original, 2022). Sua poesia foi traduzida para espanhol, inglês, francês, italiano e alemão.

# Capa

Lucas Kröeff

# Data lançamento

Previsão: 6/2/2024

# Sobre o livro

*Robinson Crusoé* (1719) é inspirado na extraordinária e real história do escocês Alexander Selkirk (1676–1721), oficial da marinha real que passou mais de quatro anos em uma ilha isolada no Oceano Pacífico depois de um naufrágio. No romance de Defoe, o protagonista que dá nome ao livro, entregando-se à inclinação aventureira e contrariando as advertências dos pais, embarca em uma viagem marítima. Depois de sobreviver a mais de um naufrágio e à escravidão entre os mouros, Robinson torna-se senhor de engenho no Brasil e traficante de pessoas escravizadas, até naufragar mais uma vez e encontrar-se sozinho em uma ilha deserta, onde enfrenta a solidão, a natureza selvagem e as dificuldades da sobrevivência. Depois de muitos anos, trava contato com um nativo da ilha, a quem atribui o nome de Sexta-Feira e ensina o inglês. Na encruzilhada de duas cosmovisões que se encontravam, *Robinson Crusoé* pode ser lido à luz do ensaio “Dos canibais”, de Montaigne: será “bárbaro” ou “selvagem” aquele que não corresponder à cultura e aos hábitos de quem lhe atribuiu esse epíteto. Romance de formação fundamental do século XVIII, *Robinson Crusoé* deixou um legado incalculável para a narrativa longa dos séculos XIX, XX e XXI.

# Sobre o autor

Daniel Defoe (1660–1731) foi um renomado escritor, jornalista e comerciante britânico. Nascido em uma família de classe média, seguiu os passos do pai e tornou-se comerciante: vendeu algodão, vinhos e tecidos por toda a Inglaterra e boa parte do continente europeu. Também foi coletor de impostos, provavelmente atuou como espião e dirigiu uma fábrica de tijolos. A inclinação para a escrita e o interesse pelas questões sociais o levaram a se envolver no jornalismo e na política. A publicação de *Robinson Crusoé*, sua obra-prima, aconteceu apenas em 1719, quando Defoe tinha quase sessenta anos, e rendeu-lhe amplo reconhecimento. Publicou também *Moll Flanders* (1722), sobre a tumultuada vida de uma mulher em busca de independência financeira, e *A Journal of the Plague Year* (1722), narrativa fictícia sobre a Grande Praga de Londres. Sua obra é lida até hoje no mundo inteiro, graças a dezenas de traduções e adaptações.

# Trechos do livro

## Trecho 1: Robinson Crusoé chega ao Brasil

Fizemos boa viagem aos Brasis, e cheguei à Baía de Todos os Santos em obra de vinte e dois dias. Dessa maneira, era novamente salvo da mais desafortunada de todas as condições de vida; e o que fazer em seguida era questão a ser respondida. [...]

Havia não muito tempo que estava ali quando fui recomendado à casa de homem bom e honesto como ele, proprietário de um dito “engenho”, pois assim o chamam, isto é, uma terra para o cultivo e uma casa de produção de açúcar. Vivi com ele algum tempo e me familiarizei com as maneiras que conheciam de plantar a cana e produzir o açúcar; e testemunhando a vida que bem viviam os senhores dessas fazendas e a rapidez com que granjeavam riqueza, decidi que, se conseguisse licença para ali me estabelecer, tornar-me-ia senhor entre eles, resolvido entrementes a descobrir maneira de fazer com que remetessem o dinheiro que deixara em Londres. Com esse objetivo, obtendo uma espécie de carta de naturalização, tomei posse das sesmarias todas que meu dinheiro pode amealhar e constituí plano para minha plantação e colônia, plano que estava à altura do dinheiro que esperava receber da Inglaterra.

## Trecho 2: Robinson encontra uma pegada pela primeira vez

Aconteceu que um dia, por volta do meio-dia, indo ao encontro de meu barco, causou-me enorme espanto ver a estampa de um pé descalço na praia, em cuja areia era muito evidente. Era como se tivesse sido trespassado por um raio, ou como se estivesse diante de uma aparição. Fiz-me todo olhos e ouvidos, mas nada fui capaz de ver ou ouvir; subi a um terreno elevado para avistar mais longe; caminhei de uma ponta a outra da praia, mas tudo que havia era uma única marca, nada mais, e retornei a ela para averiguar se não havia outra ou se talvez não fosse apenas minha imaginação; mas não havia espaço para dessemelhança, pois ali estava a imagem de um pé, com dedos, calcanhar e todas as partes de um pé; como havia chegado ali, eu não sabia, nem podia conjeturar; mas depois de inúmeros pensamentos erráticos, como um homem absolutamente perplexo e fora de seu juízo retornei à minha fortificação, não sentindo, como dizemos, o chão debaixo dos pés, e aterrorizado à última potência, olhando para trás a cada dois ou três passos, confundindo arbustos e árvores e reconhecendo em qual- quer toco à distância um homem; não é possível descrever em quantas e variadas formas minha imaginação apavorada representou-me coisas, e quantas ideias loucas surgiam a cada momento em minha fantasia, e que estranhos e incredíveis desatinos me ocorreram pelo caminho.

## 

## Trecho 3: descrição de Sexta-Feira

## 

Era um homem de aparência bela e aprazível e de compleição perfeita, membros direitos e fortes, não muito grandes; alto e bem torneado, e, como pude inferir, contando seus vinte e seis anos de idade. O semblante inspirava tranquilidade, não tinha feições bestiais e ameaçadoras; parecia trazer algo de muito viril em seu rosto, não obstante os traços portassem toda a delicadeza e doçura do europeu, em especial quando sorria. Tinha os cabelos pretos e longos, não encaracolados como lã; a testa muito alta e larga, e grande vivacidade e brilho nos olhos. Sua pele não era de todo negra, mas muito morena; e, no entanto, não de um moreno desagradável, amarelado e nauseabundo, como o dos brasileiros, dos virginianos e outros nativos da América, mas de uma espécie de oliva escuro e reluzente, bastante agradável de se ver, embora não muito fácil de descrever. O rosto era redondo e gordo; o nariz pequeno, não chato, como os negros; uma boca muito boa, de lábios finos e bonitos dentes, direitos e brancos como o marfim. Depois de ter cochilado, mais do que dormir, por não mais de meia hora, ele se levantou e saiu da caverna a minha procura; pois eu estivera ordenhando as cabras que conservava em um curral não distante dali; e quando me avistou, veio correndo em minha direção e voltou a estender-se ao chão com sinais de uma disposição humilde e grata, o que demonstrava com gestos bastante estranhos, a saber: deitando a cabeça no chão, próxima ao meu pé, e colocando meu outro pé sobre sua cabeça, como havia feito antes; e depois disso, fazendo todos os sinais possíveis de sujeição, servidão e submissão, para que soubesse que ele me serviria enquanto vivesse. Eu o entendi em grande parte e fiz com que compreendesse que estava muito satisfeito. Em pouco tempo, comecei a conversar com ele; e ensinei-o a conversar comigo; e em primeiro lugar o fiz aprender que seu nome seria Sexta-Feira, que foi o dia em que lhe salvei a vida; e assim o fiz para conservar a memória do tempo; e ensinei-o a dizer Senhor, e fi-lo aprender que aquele seria o meu nome; também o ensinei a dizer Sim e Não e a compreender o significado de cada um; e ofereci-lhe um pouco de leite em um pote de barro e fiz com que me visse tomando o leite e molhando nele meu pão, para que assim aprendesse; e dei-lhe um filão de pão para que fizesse o mesmo, ao que ele rapidamente obedeceu, e fez sinais de que era bom.

# Imprensa